Henry Giroux

1- O poder das corporações e elites financeiras formam o estado suicida. E não se limita ao modo econômico, a manufatura da ignorância é o novo espírito difundido pelo sistema de mercado que celebra a paixão pela mercadoria sobre a paixão de pertencer a uma comunidade. É um sistema que cria um imaginário capitalista baseado no consumo, privatização e despolitização. Um sistema neoliberal que não quer intelectuais, porque não querem pessoas que perguntem. Aquele que pensa é perigoso.

2- para manter o sistema de poder é necessário colocar a responsabilidade de fracasso nos pobres, nos marginais, nos diferentes. Enquanto este sistema continua a promover mais devastação e ruína, mais ele castiga. O castigo é fundamental para o poder.

3- este é um sistema neoliberal de poder que se preocupa com a formação dos desejos da sociedade: "cala boca e compra". Esta sociedade está doente, é uma sociedade cruel, individualista, que não reconhece mais o outro. Hoje não se trata mais de política mas de poder. A política é regional mas o poder é global. Esta guerra da educação é global.

Necessitamos entender que A educação é central na mesma natureza do poder. Temos que unir forças contra esta destruição das dignidades básicas. Temos que reconstruir a sociedade, e este não é só um projeto político, é um projeto pedagógico.

4- Eu não vou renunciar a universidade à direita, por isso tenho um pé ali, eu não vou renunciar a escola à diretita vou ter um pé ali. Não só estou interessado em acabar com o racismo, mas também acabar com o totalitarismo. Vivemos um tempo em que o sistema produz seres tão cruéis, tão incrivelmente indiferentes e egoístas que se converte no pior dos sistemas totalitários. Até que não possamos resuscitar o sentido de ser em comunidade, até que não possamos dar condições para uma educação digna acho que estamos com problemas.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

William Pinar

1- No último século o currículo escolar foi ligado aos movimentos econômicos. Depois da Grande Depressão o currículo foi sistematizado relacionando conteúdo à medição e assim o ensino foi reduzido a uma mera instrumentalização. Nos anos 80 as reformas curriculares nos Estados Unidos não se interessaram mais pelo conteúdo intelectual dos anos 60, mas com os standars. Esta política se tornou com G.W. Bush no movimento da contabilidade na educação que se estendeu e aprofundou desde 2001 em todo mundo. Nesta perspectiva procura-se a padronização de resultados. Esta tendência se expande pelo mundo mas tem resultados particulares e percebidos de maneiras diferentes. Na África do Sul pós-apartheid por exemplo, foi instituído um currículo funcional estruturado em exames, mas foi relacionado à democratização e não ao neoliberalismo como e nos Estados Unidos.

2- No Brasil acontece algo diferente. As jurisdições independentes de cada região permitem aos professores a reformular seu currículo de acordo a sua realidade e assim se formou um sofisticado campo curricular. Este sistema enfatiza uma série de conceitos como o cotidiano. A história de México é tragicamente diferente do Brasil, apesar dos esforços intelectuais que ali se formam. Eu penso que o currículo não deve passar nunca de um guia. Temos que ter em conta que o currículo tem consequências sobre a história.

3- Procedimentos e princípios continuam a ser importantes. Nos Estados Unidos isto significa rejeitar o plano de reforma curricular "Corrida ao Topo" da administração Obama que incentiva a política da intransigência entre os professores, ferindo a ética profissional.

4- O que está por trás de tudo isto é a mentalidade do negócio. A escola é um negócio e os testes são uma forma de medir os ganhos. E como nos negócios, se não há ganhos o negócio fecha. Estas políticas pretendem fechar as escolas se elas não atingem uma determinada nota.

­­­­­­­­­­­­­­­­­­­-\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

Anton Vidokle

Art Withou Education

1- Neste ponto há uma relação entre a padronização da educação e o que acontece na arte contemporânea. Hoje vemos o incremento da profissionalização frente a diminuição da ideia do artista boêmio que foi tão valorizado na modernidade como um espaço de liberdade. Hoje o boêmio se entende como um diletante, naive. O problema da profissionalização da arte criou um efeito homogeneizante sobre as práticas artísticas de maneira global e que é replicada pelas práticas e programas curatoriais e críticas. O acento sobre o "portfólio do artista" substitui a própria obra de arte. É curioso que a padronização de critérios aparece em uma era em que a arte valoriza a subjetividade mais do que outras esferas da vida. Para mim a intenção desta tendência é facilitar o mercado da arte.

2- Caminhando pelas bienais e exposições eu sinto um *deja vu* e outras pessoas tem a mesma sensação. Tudo esta feito especificamente para encaixar na indústria que se criou da arte. Isto não é novo, Marcel Duchamp já criticou isto.

3- Não defendo a ideia de que os artistas permaneçam amadores, mas é necessário sair da linha profissionalizante e padronizada que as escolas e o mercado da arte criam se queremos fazer uma forma de arte diferente, mesmo se não pareça arte no presente contexto. Há tanta pressão do mercado e das academias sobre os artistas para realizar obras que cumpram uma série de critérios que se desenham de acordo à lógica da economia. Nesta tensão se apresenta um terceiro elemento crucial que traz a arte e seu discurso em contato com o público: a circulação. Este elemento é quase invisível para o público e pode-se dizer que a ética e estética da circulação determina o que é produzido, como é consumido e por quem. E-Flux quer sair desta lógica do mercado. Esta forma qualidade aberta e indefinida da arte é difícil de manter tanto na arte como em qualquer área, somos pressionados a mostrar uma obra consistente, um argumento que podamos apresentar em 20 minutos ou menos, muitas vezes com o salão de arte passando por profissionalismo.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

Gayatri Spivak

1- Uma educação estética na era da globalização é um projeto para sabotar as cartas de Schiller sobre estética e educação do homem porque ele viu que uma revolução não dura na ausência de sujeitos sem treinamento na prática da liberdade. Eu defino estética, não na visão de Baumgartem ou Kant, não, mas como algo que treina a imaginação para performances epistemológicas alternativas, isto é, para a construção de coisas para conhecer. O conhecimento sempre se constrói de alguma maneira. Se trata de uma nova forma de pensar, não somente novas coisas para pensar.

2- Numa sociedade globalizada, onde novas formas de pensar surgem, não podemos mais abordar a situação com metodologias coloniais ou pós-coloniais. Eu penso que esta tarefa pode-se se desenvolver sabotando Schiller. Nós que somos beneficiários peculiares do colonialismo não podemos nos converter em culturalistas com a CIA e a UNESCO apoiando, a tarefa é diferente: é sabotar Schiller.

3- Este é uma assunto sobre a reorganização dos desejos ao invés de preencher necessidades que vem de cima. Schiller nos diz: "O gosto inclui ou esconde as diferenças intelectuais naturais entre ambos sexos. O gosto nutre e embeleza a mente feminina com os produtos da mente masculina e permite o sexo belo sentir o que não pensou e desfrutar o que não produziu por escravidão."

As relações que se estabelecem culturalmente repetem este hábito epistemológico em diversos âmbitos. Uma pedagogia cultural poderia mudar os hábitos de pensamento. É importante pensar diferente.

E você, Que relações você estabeleceu? o que estes colegas te fizeram pensar? como você vê isto da tua experiência.